

PMS / FMLF  
BIBLIOTECA

Nome: ATarde

Data: 21/03/2011

caderno: Salvador A8      Página:

Seção:

Assunto:

habitação



Fotos Marco Aurélio Martins / Ag. A TARDE

A visão privilegiada da Baía de Todos-os-Santos dos moradores do subúrbio não combina com a qualidade de imóveis que foram construídos ao longo dos anos na região

**DIFERENÇAS** As cidades Alta e Baixa possuem diversos padrões de ocupação

# Contrastes mostram como é viver em Salvador

MARY WEINSTEIN

Antes mesmo de chegar em terra firme, descobrem-se contrastes indistigáveis entre os extremos de Salvador. Em meio a espigões da Cidade Alta e construções da Cidade Baixa – que são baixas, mesmo – há variações de estilo e gabarito visíveis, sobretudo no trecho do Centro Histórico. As encostas refletem as condições de vida das populações que se estabeleceram nelas, antes e depois da legislação

que as tornaram *non-aedificandi*. O mesmo processo socioeconômico produziu circunstâncias que resultaram nesses padrões de ocupação da borda da Baía de Todos-os-Santos.

Se a Vitória se transformou como caminho que levava à Barra, antes do século XX, e, a partir daí, por suas mansões que começaram a ceder espaço às torres nos anos 1950, o subúrbio ferroviário, é fruto de uma sequência de circunstâncias que se impuseram,

também, como alternativa de acesso ao Recôncavo, depois dos loteamentos e casas de veraneios, como se refere a professora Ângela Gordilho em “Da idealização do subúrbio à construção da periferia” (2004).

“Das bucólicas áreas de veraneio próximas às paradas de trem nos núcleos antigos de Plataforma, Periperi e Páris, o subúrbio ferroviário de Salvador cresceu, inicialmente, com a expansão de núcleos junto às demais es-

## “Seria uma área de integração das populações”

ÂNGELA GORDILHO, arquiteta



Gordilho revisita o subúrbio

tações da linha férrea e, em seguida no povoamento dos muitos loteamentos que foram aprovados a partir de 1951, ainda que esses ficassem vazios por muitos anos, após a implantação” escreveu Ângela Gordilho.

A professora explica que ainda nesta década, houve grande crescimento populacional na cidade, e que aí se inicia a ocupação de áreas da maré, no mangue, com palafitas, como Alagados, iniciada em Itapagipe e atingindo

Lobato e Cabritos. Gordilho lembra que a ocupação dessa orla também foi impulsionada pela construção da Av. Suburbana, na década de 60.

“Nesses processos, observe-se ainda a presença de loteamentos públicos, implantados pela prefeitura para abrigar populações removidas de invasões e desabrigados em situações de risco”, acrescenta a professora, referindo-se a Coutos.

“A maior parte dos mais de 800 mil habitantes do subúrbio ferroviário, nos dias atuais, estão nas invasões e outros processos informais de ocupação que acabaram absorvendo a população excluída dos circuitos formais da cidade”, diz Gordilho.

Ela indica que essas ocupações se formaram em áreas residual e de propriedade pública, além da área de marinha, bordas da maré ou mesmo em grandes glebas de áreas verdes e livres de antigos loteamentos, a exemplo das ocupações coletivas na década de 1980, no retorno dos governos democráticos, depois da repressão militar.

Para a professora, ex-secretária municipal de Habitação, o subúrbio não tem equipamentos urbanos que atraiam

o fluxo da cidade. Equipamento urbano é diferente do equipamento comunitário. O primeiro atrai o morador da cidade. O segundo é para uma determinada comunidade. “Hoje, você tem no subúrbio um grande território de exclusão. Mas seria uma grande área de integração das populações”, alertou a professora.

O professor Marcus Paraguassu conta sobre o plano que fez para o subúrbio na década de 80. “Primeiro seria implantada infraestrutura e seria feito um estudo do uso do solo. Seria promovida a modernização da linha ferroviária”, lembra. “Tinha dinheiro pra fazer novos empreendimentos em São Bartolomeu, que atrairia gente; lazer aquático, em Pirajá; esporte em Lobato. Tinha uma fábrica (para ser adaptada) e aquela pedreira, onde daria para fazer coisas fantásticas, um teatro”, entusiasmou-se.

“Foi um planejamento jogado no lixo. Não tenho dúvida de que teria mudado a situação. Para a classe média não daria porque bate muito sol ali, um suplicio. Mas a classe média vai para onde tem investimento de lazer de alto luxo. Se você tem equipamentos sociais...”, finalizou.

## Construções irregulares caracterizam a cidade

“O que mais tem são construções irregulares, porque o Patrimônio da União não havia se assenhorado desses terrenos que lhe pertencem. As prefeituras se achavam donas. O próprio Comércio foi aterrado”, disse Daniel Paz, professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia e pesquisador das construções na borda da Baía de Todos-os-Santos.

Ele cita como irregulares - no momento em que foram construídos - os piers dos prédios do Corredor da Vitória, e parte de Itapagipe e Alagados, todos em área de marinha. “No Cantagalo a água bate na porta da casa”, lembrou.

Paz afirma que a construção desordenada “por enquanto, não tem sido prejudicial a ponto de causar alteração no regime de erosão, como em Olinda e Recife”.

### Lixo

O arquiteto se refere, também, a empreendimentos que jogavam lixo no mar, a exemplo do Hospital Couto Maia, Feira de São Joaquim, Barravento e o antigo Bar e Restaurante Roda Viva. “A poluição das praias é democrática”, critica.

Sobre as ocupações, a superintendente da Secretaria do Patrimônio da União (SPU) Ana Vilas-Boas reitera que, nas áreas de uso comum como praias, a legislação permite em casos autorizados. Segundo ela, compete ao município promover o ordenamento do solo.

“Cabe à Secretaria do Patrimônio da União realizar o cadastro dos ocupantes licenciados pela prefeitura”, disse. Diz ainda que “a SPU apoia ações que beneficiem a sociedade”.

### Município

O secretário municipal de Planejamento, Paulo Damasceno, lembra que em 2008 foi restabelecida a ligação náutica entre a Ribeira e o subúrbio ferroviário e anuncia que o trem vai ser substituído.

“A máquina principal chegou e vão chegar vagões, com ar-condicionado”.

Damasceno adiantou que a prefeitura está requalificando a Ribeira com iluminação e calçadas. “Tem um projeto de urbanização da Praia do Bogari até a Praça Divina, onde fica o galpão da Barreto de Araújo que será demolido e transformado em praça.